

O HOLANDÊS VOADOR: SAM DEAN E AS IDENTIDADES DIASPÓRICAS EM *POINT OF DARKNESS*

Rita de Cássia Marinho de Paiva

Orientadora: Sonia Torres

Doutoranda

RESUMO: Em seu livro *Confluences - Postcolonialism, African American Studies and The Black Atlantic*, Gruesser (2007) aponta para as interseções entre as teorias póscolonialismo, os estudos literários afroamericanos e o Atlântico Negro, de Paul Gilroy (1993). Segundo o autor, apesar de ser incontestável o fato de haver diferenças entre as experiências/produções literárias entre os afro-descendentes nos Estados Unidos e nas demais regiões outrora colonizadas ao redor do mundo, é inegável também que entre elas haja marcantes pontos de convergência, que servem não para “embaçar as distinções entre os estudos póscoloniais e a literatura Afro-Americana, mas para identificar pontos de correspondência e construir pontes entre eles”. (GRUESSER, 2007, p. 2, trad. livre). Por compartilhar do entendimento desta rica tecitura teórica proposta por Gruesser, e da importância do diálogo entre produção textual/teorias críticas, o presente trabalho propõe uma leitura do livro *Point of Darkness* (1994), do autor guianense Mike Phillips, à luz das confluências teóricas entre póscolonialismo, Atlântico Negro e as ramificações diáspora/identidades diaspóricas.

PALAVRAS-CHAVE: Póscolonialismo, Atlântico Negro, identidade diaspórica

Póscolonialismo

[Póscolonialismo] é um projeto disciplinar dedicado à tarefa acadêmica de revisitar, trazer à memória e, acima de tudo, questionar o passado colonial (GANDHI, 1998, p.4).

Estudos demonstram que mais de três quartos da população mundial da atualidade tiveram suas vidas moldadas pela experiência do colonialismo (ASCHCROFT *et alii*, 2002, p.1), e os efeitos da colonização nas esferas política e econômica são facilmente identificáveis.

O início das inquietações teóricas e sociais do póscolonialismo remonta aos anos 1950, motivado por diferentes eventos de cunho político, cultural e social. A literatura póscolonialista, assim como as demais artes, surge como um veículo poderoso para expressar a percepção que alguns têm de suas experiências como colonizados: “(...) é nos seus escritos (...) que as realidades enfrentadas pelos povos colonizados têm sido mais poderosamente codificadas e tão profundamente influenciadoras” (ASCHCROFT *et alii*, 2002, p.1, trad. livre). Em 1978, o autor Edward Said publica *Orientalismo*, considerado por muitos críticos (BARBOSA, 2012; GANDHI, 1998; GRUESSER, 2007) como o marco inicial desta teoria. Ao lado desta obra, figura *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-colonial Literatures*, de Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989)¹⁸⁵, entendido como o trabalho pioneiro do novo campo¹⁸⁶, e seus autores, até certo ponto, como responsáveis pelo uso abrangente do termo póscolonialismo hoje.

Como discurso político, o póscolonialismo “emergiu principalmente das experiências de opressão e lutas por liberdade após o despertar (...) da África, Ásia e América Latina, os continentes associados com pobreza e conflito”. (YOUNG *apud* RUKUNDWA e Van AARDE, 2001 p. 1175, trad. livre). Lye (1998, p.1) sugere que esta teoria investiga produções literárias oriundas de países (outrora/atualmente) colonizados – “que intentam articular sua identidade e reivindicar seu passado diante da inevitável alteridade daquele passado” (LYE, 1998, p.1, trad. livre) – ou aquelas produzidas em países colonizadores que lidam com a colonização/povos colonizados. Os Estados Unidos são um caso à parte, pois, apesar de ter passado por um tipo diferente de colonização (de povoamento, e não de exploração, como no caso do Brasil), de gozar do status de nação mais poderosa do mundo, e de exercer (atualmente) o papel de neo-colonizador, a literatura estadunidense também deve constar neste grupo (ASHCHCROFT *et alii*, 2002, p.2).

Assim, para o póscolonialismo, literatura, história e cultura estão inexoravelmente ligadas, uma vez que investiga questões sociais, políticas e econômicas que permeiam as produções literárias dos situados ‘à margem’. Logo, conceitos como alteridade, identidade,

¹⁸⁵ Ano da primeira publicação. A (segunda) edição utilizada no presente trabalho foi publicada em 2002.

¹⁸⁶ O título deriva de um ensaio do autor indiano Salman Rushdie (1989) e aponta como autores das ‘margens’ respondem à sua condição de colonizados e à sua exclusão do cânon literário.

hibridismo, raça/etnia, hegemonia, ideologia, língua/discurso se entrelaçam e são centrais nos estudos feitos à luz desta teoria.

O próximo tópico discutirá as confluências entre o conceito de Atlântico Negro (GILROY, 1993)¹⁸⁷, a diáspora africana imposta pela escravidão, e sua influência na construção de identidades diaspóricas.

O Atlântico Negro e a Diáspora Africana

Podemos realmente dizer que a escravidão e seus efeitos (por exemplo, a diáspora negra não são um elemento legítimo do colonial (...)? (ASCHCROFT et alii, *apud* GRUesser, 2007, p.9, trad. livre)

A História aponta que guerras, inerentes às civilizações desde os primórdios, muitas vezes geravam escravos, uma vez que os derrotados passavam a servir aos vencedores; daí a utilização da palavra cativo (prisioneiro de guerra) como sinônimo de escravo que era sempre “[...] o Outro ou o Estrangeiro, estivesse ele próximo ou distante. (...) [os cativos] em muitos casos, possuíam características fenotípicas diversas”. (PINHEIRO, 2011, p.224).

No continente africano, a escravidão já era praticada entre tribos, mas o tráfico se inicia com a vinda do homem branco. Lá chegando, inicialmente para explorar riquezas naturais (principalmente o ouro), o desbravador/explorador europeu, ‘civilizado’, ‘superior’, se depara com a oferta de um ‘produto’ inusitado – um ser humano diferente, ‘inferior’, negro, ‘bárbaro’, que serviria muito bem a seus interesses. Assim, é inegável o elo entre colonialismo e escravidão: “O sistema de escravidão racial e seu lugar no desenvolvimento do comércio global forneceram bases fortes para a análise da escravidão, da *plantation*, e de outras modernidades coloniais.” (GILROY, 2012, p.11)

As marcas resultantes deste sistema são expostas, notadamente, na construção da identidade do sujeito negro escravizado e de seus descendentes. Um dos grandes nomes no cenário das discussões sobre a identidade negra é o do sociólogo inglês Paul Gilroy. Inspirando-se em W.E.B. Du Bois (principalmente), Richard Wright, Martin Delany e

¹⁸⁷ Em inglês *The Black Atlantic*, publicado em 1993. Edição usada neste trabalho: ano 2012 (tradução)

Frederic Douglass, ele desenvolve a teoria do Atlântico Negro, por meio da qual discute a formação da identidade negra no cenário mundial a partir do conceito de *diáspora*, importado da história do povo judeu. Para ele, a diáspora africana acontece devido ao comércio de escravos no Oceano Atlântico, transportados em navios negreiros. Conceitos de pureza racial, identidade, etnia, cultura, nacionalismo, hibridismo, multiculturalismo são centrais em sua discussão.

Gilroy não está sozinho ao evocar o impacto da diáspora/deslocamento na sociedade. Ashcroft et alii (2002) observam que um traço comum das literaturas/sociedades póscoloniais é a dialética lugar/deslocamento, que atua diretamente na formação da identidade. O Atlântico Negro sugere a ideia de desterritorialização, em oposição à ideia de uma cultura territorial, estanque. Assim, para Gilroy, movimento é mais importante do que lugar, daí a ênfase em ‘rotas’ (*routes*), e não em ‘raízes’ (*roots*). (GRUESSER, 2007, p.18)

A adoção da proposta de Gilroy neste trabalho se justifica na medida que, assim como ele, intentamos fazer a leitura de *Point of Darkness* sob uma ótica póscolonialista, e o Atlântico Negro aponta para aspectos essenciais em nossa análise: o caráter fluido da identidade diaspórica - já que o *poder* do território para determinar a identidade se rompe com o deslocamento forçado pela escravidão¹⁸⁸; a contestação de uma pureza racial, e a atenção dada às culturas híbridas, frutos da diáspora

(...) uma cultura que não pode ser identificada exclusivamente como caribenha, africana, americana, ou britânica, *mas todas elas ao mesmo tempo*. Trata-se da cultura do Atlântico Negro, uma cultura que, pelo seu caráter híbrido não se encontra circunscrita às fronteiras étnicas ou nacionais (SANTOS, 2002, p.273, meus grifos).

Como será apontado em nossa análise, Sam Dean, o protagonista do livro de Mike Phillips, não é apenas um representante da diáspora, mas alguém consciente do que isto significa na construção de sua identidade.

¹⁸⁸ Gilroy (2012) atribui isto ao rompimento dos “laços explicativos entre lugar, posição e consciência” (2012, p.18).

A identidade cultural

A categoria da identidade não é, ela própria, problemática? (...)É possível (...), em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral? (HALL, 2011, p.84).

A constatação de que identidades são construtos sociais não representa, sob a ótica póscolonialista (ou pós-moderna), uma novidade a ser investigada. A ideia de uma identidade fixa e imutável já foi há muito refutada, uma vez que a rigidez de conceitos ligados a esta construção, como gênero, origem¹⁸⁹/raça/ etnia, por exemplo, também começou a ser questionada. Em uma sociedade marcada por deslocamentos – diásporas, (i)migrações, exílios, refúgios - a própria noção de espaço e nacionalidade, como determinante de uma identidade, é estremecida. Estamos diante do que Hall (2011) chama de crise de identidade, uma vez que a *ancoragem* estável do indivíduo no mundo social está sendo retirada, dando lugar a uma identidade moderna fragmentada, ‘descentrada’ (p.8).

Apesar de amplamente discutido nas ciências sociais e humanas, identidade é (mais) um conceito bastante complexo, e sua definição continua sendo uma tarefa árdua. Assim, optamos pela proposta de Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011):

[identidade é] uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (...) É definida historicamente, e não biologicamente (p.13, grifos do autor).

Outro ponto abordado por Hall é a noção de identidade cultural, definida como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.” (p.8, grifo do autor) Para ele, a identidade nacional não é herdada ou genética, mas construída socialmente, representada por uma gama de significados. Assim, é um equívoco a busca por uma identidade nacional baseada em etnia¹⁹⁰ ou raça¹⁹¹ - conceitos igualmente fluidos na contemporaneidade (cf. PEPPER, 1999, p. 243).

¹⁸⁹ Paiva (2009, p.5) aponta para a necessidade de sermos ‘curados’ do “vício da origem exclusiva, marca tão importante de uma cultura ocidental e ocidentalizante” (meus grifos).

¹⁹⁰ “características culturais: língua, religião, costume, tradições, sentimento de lugar – que são partilhadas por um povo”. (HALL, 2011, p.63)

Se a busca pela unidade/identidade nacional já é tarefa difícil, maior dificuldade ainda surge quando consideramos o caso de pessoas que, um dia, foram forçadamente¹⁹² deslocadas de sua terra, como os escravos africanos traficados. Destituídos de local, memória, raízes¹⁹³, códigos morais e religiosos; laços familiares ou sentimentais; “refabricados” sob o olhar do outro, os africanos traficados e seus descendentes experimentam ainda mais perplexidade e confusão no processo de sua (dolorosa) construção identitária. Como observado por Mattos, “é na memória da escravidão e na experiência do racismo e do terror racial que muitas vezes lhes sucedeu que se funda politicamente a *identidade cultural* dos negros no Ocidente.” (2002, p.409, meus grifos).

O conceito que abrange de forma elucidativa a identidade cultural do ser deslocado é o de identidade diaspórica, formada em meio ao hibridismo cultural, à negociação para sobrevivência e reconhecimento no lugar onde estão inseridos. Sua construção é envolta em conflitos existenciais individuais e/ou coletivos, como apontado por Du Bois (2006-2014)¹⁹⁴, ao refletir sobre a angústia da *consciência dupla* do afro-descendente - a complexidade de ter nascido/estar em um lugar que, ao mesmo tempo, é e não é *seu*; de não ser tratado como igual; de ser sempre o Outro. Este conflito é o resultado do hibridismo cultural e identitário, consequência do deslocamento a que seus ancestrais foram forçados: “ao aderir à diáspora, a identidade pode ser, (...), levada à contingência, à *indeterminação e ao conflito*”. (GILROY, 2012, p.19, meus grifos).

Esta inquietação existencial é um traço marcante de Sam Dean e alguns de seus pares, em *Point of Darkness*. Assim, o próximo tópico discutirá a escolha deste livro, inserido no gênero ficção detetivesca¹⁹⁵.

¹⁹¹ “(...) raça não é uma categoria biológica ou genética (...) A raça é uma categoria discursiva (...). As *noções biológicas* sobre raça (...) têm sido substituídas por *definições culturais*” (HALL, 2011, p.64, meus grifos).

¹⁹² Não excluimos os exilados ou refugiados desta noção de deslocamento forçado, mas, devido ao nosso presente propósito, nos concentramos no deslocamento forçado pela escravidão do povo africano.

¹⁹³ Um exemplo muito interessante sobre o apagamento da memória/raízes, e a angústia daí advinda, é dado por Dionne Brand em *A Map to the Door of no Return* (2001). No diálogo inicial entre a protagonista e seu avô, ele diz lembrar-se de que povo eles eram oriundos. A possibilidade de conhecer sua origem a deixa eufórica, entretanto, o avô se esquece, e, apesar de suas tentativas de ajudá-lo a se lembrar, ele não consegue. Ambos ficam profundamente desapontados e frustrados.

¹⁹⁴ Conceito desenvolvido em sua obra *The Souls of Black Folk* (1903).

¹⁹⁵ Em inglês *detective fiction*, algumas vezes, traduzido como *romance policial*. Entretanto, como este último, muitas vezes, sugere a presença da figura do policial, optamos pela utilização da expressão *ficção detetivesca*.

A ficção detetivesca

Como observado por Gandhi (1998, p.141-142), a literatura é a manifestação mais *incentivadora* da resistência póscolonial. A literatura contradiscursiva entrou definitivamente para as discussões acadêmicas, e produções nesta linha gozam de grande prestígio em um mundo contemporâneo, em que valores tradicionalmente hegemônicos passaram a ser confrontados. Narrativas/produções literárias contradiscursivas são inúmeras e podem se enquadrar nos mais variados gêneros.

Um tipo de produção que vem ganhando, cada vez mais destaque, é a ficção detetivesca. Considerado por alguns como um gênero popular, não-acadêmico, e ‘puro entretenimento’, este gênero tem sido mais uma ferramenta potente de denúncia/resistência nas produções literárias, que expõem questões como racismo, preconceito, identidade, hibridismo cultural – cerne das discussões póscolonialistas.¹⁹⁶

Saindo da hegemonia inicial veiculada pelas figuras de detetives brancos, heterossexuais, europeus (como Sherlock Holmes e Hercule Poirot), ou estadunidenses, (como Philip Marlowe e Sam Spade) por exemplo, e pelos textos, cujo tom racista não é sutil – a ficção detetivesca começa a ser povoada por detetives negros, chicanos, indígenas, hindus, gay/queer. A solução do crime deixa de ser o objetivo maior, e dá lugar ao questionamento proposto pela própria história de vida do detetive e/ou da comunidade em que transita. Segundo Peter Freese (1992 *apud* GOSSELIN, 1999, p.3), “quando o detetive pertence a uma comunidade cuja história, valores e modo de vida divergem do chamado ‘padrão’, sua história se transforma ... em um comentário sobre os desafios da vida cotidiana em uma ‘sociedade multicultural’”. (grifos do autor, trad. livre).

Point of Darkness é um romance inserido neste gênero e sua escolha para este trabalho deveu-se a dois fatores: primeiro, porque a ficção detetivesca é de nosso interesse; segundo, porque a temática da identidade diaspórica é traço marcante no livro. Assim, esta

¹⁹⁶ KLEIN (1999) e GOSSELIN (1999) oferecem ricos exemplos da diversidade na ficção detetivesca.



obra apresenta a confluência de questões centrais para o póscolonialismo e o Atlântico Negro, teorias que norteiam esta discussão.

O autor e sua proposta em *Point of Darkness*

Mike Phillips nasceu na Guiana Inglesa (1941) e migrou para a Inglaterra (1956), onde foi criado e educado. Formado em Jornalismo e professor universitário, publicou roteiros e livros – quatro¹⁹⁷ dos quais pertencentes ao gênero ficcional detetivesco, apresentando o protagonista Sam Dean, o jornalista/detetive jamaicano, radicado na Inglaterra. Sua opção pela ficção detetivesca não foi casual. Segundo ele, suas produções jamais seriam publicadas se ele escrevesse sobre o negro na Inglaterra. Assim, ele justifica sua escolha, ao afirmar que, por meio deste gênero, ele poderia comentar sobre sua vida e a sociedade “[...] em um formato no qual as pessoas deixariam esta mensagem passar, ou nem a perceberiam [...]” (WELLS, 1999, p. 206).

Contudo, ao contrário de alguns autores negros, cujos personagens eram praticamente caricaturais, Mike Phillips cria um protagonista diferenciado: Samsom Dean é refinado¹⁹⁸ e intelectual, atraente, fala francês e gosta de se vestir bem. O personagem nasce na Jamaica, mas sua família migra para a Inglaterra¹⁹⁹, onde é criado. Como o autor, Sam Dean mora em Londres e tem sua origem – e a conseqüente fundamentação de sua identidade – na diáspora. Na trama, sua viagem para os Estados Unidos acontece porque Hector (um de seus amigos de infância, que também vive em Londres) está internado, à morte, e lhe pede para encontrar sua filha Mary, que se mudara para os Estados Unidos. O que deveria ser uma tarefa simples se torna uma perigosa investigação, pois a moça estava envolvida em uma complexa trama, com criminosos e políticos corruptos. A maior parte da história se desenrola

¹⁹⁷ *Blood Rights* (1989) - transformado em série pela rede BBC de Londres e reeditado em *Diegesis: Journal of the Association for Research in Popular Fiction 1* (Winter, 1997) (Cf. WELLS, 1999, p.205); *The Late Candidate* (1990); *Point of Darkness* (1994) e *An Image to Die For* (1995).

¹⁹⁸ Horsley (2005, p.231) justifica o posicionamento de Phillips ao observar que ele “se opõe tanto às convenções genéricas ‘brancas’, quanto às apropriações negras que ele considera representações irresponsáveis e extremas da masculinidade negra.” (trad. livre)

¹⁹⁹ Segundo Horsley (2005, p. 227), a primeira migração em larga escala de caribenhos para a Inglaterra ocorreu nas décadas de 1950 e 1960.

nas áreas étnicas *de Nova York*, onde há grande concentração de afro-descendentes migrantes, mas a ‘caçada’ final os leva à Califórnia e ao Arizona.

O romance é narrado em 1ª pessoa, o que possibilita ao leitor um acesso direto às impressões do protagonista. À medida que a trama se desenvolve, a percepção aguçada de Sam sobre as questões culturais/angústias identitárias suas e de seu povo vai sendo revelada. O protagonista transita na comunidade afro-caribenha estabelecida no Queens, famoso por sua diversidade cultural. Horsley (2005, p.227) observa que um dos traços marcantes nos romances de Mike Phillips é justamente a representação, “não apenas da diáspora caribenha, mas das histórias sobrepostas de migrantes negros em Londres e Nova York”. (trad. livre)

Um traço a ser ressaltado no protagonista é sua percepção da ‘diferença dentro da diferença’: ao interagir com outros personagens, ou simplesmente andando nas ruas, Sam consegue distinguir as nuances da cor, de comportamento e até o provável lugar de origem das pessoas. Assim, ele contraria a visão hegemônica de raça branca X raça negra, e quebra esta dicotomia ao perceber que a negritude não faz de todos os negros ‘iguais’ (PD, p. 23; 28). Esta percepção evoca a ideia de *cultura política de diferença* – “uma *rejeição* ao impulso da *homogeneização que oferece semelhança sem reconhecer a heterogeneidade* das posições subjetivas negras e da *diversidade multicultural*.” (WEST, 1993, p. 17 *apud* HORSLEY, 2005, p.201, meus grifos).

A crise de identidade é um dos aspectos centrais no romance, e Mike Phillips a expõe claramente, não apenas por meio de Sam, mas também de outros personagens. O famoso conflito “ser ou não ser” de *Hamlet*, aqui é substituído por ser e não ser/ estar e não pertencer. Mary, por exemplo, é inglesa, filha de mãe branca e pai negro; seu senso de não ser e não pertencer – e sua conseqüente frustração - é profundo. Para os brancos, ela é vista como negra; para os negros, como ‘híbrida’, alguém que não entende o real sentido da negritude. Assim, ela se vê excluída dos dois mundos (PD, p.180).

Sendo um afro-descendente, Sam entende que sobreviver requer estratégias. Mas diferentemente de Claude, por exemplo, um dos vilões do romance, que opta pela marginalidade, Sam se vale de táticas refinadas em sua conduta. Uma delas – e talvez a mais

marcante – é o apelo à sua *inglesidade*²⁰⁰ (PD 41; 44). Ele percebe com clareza a diferença de tratamento dispensado a um afro-americano/afro-caribenho e a um afro-descendente europeu. Apesar de ser negro e não negar sua origem afro-caribenha, sua identidade britânica²⁰¹ lhe confere maior segurança, e ele tem prazer nisto (Cf. PEPPER, 1999, p. 253). Assim, ao interagir com brancos, ele se empenha no uso do sotaque britânico (PD, p. 268-269)²⁰². Ao que parece, sua identidade britânica lhe confere uma certa proteção contra o preconceito implacável que persegue os afro-caribenhos nos Estados Unidos.

A migração se apresenta no texto como uma outra estratégia de sobrevivência. Diferentemente do deslocamento passado - forçado e brutal - cujo destino era a escravidão, a diáspora agora passa a ser almejada como uma provável rota de fuga (PD, p.142). Entretanto, apesar de ser comum (e até necessária para alguns afro-descendentes), este deslocamento deixa marcas indelévels na formação da identidade negra, dentre as quais, o eterno senso do não-pertencimento. Entretanto, é interessante que, para Sam, isto é, ao mesmo tempo, um incômodo e uma vantagem. Ele é cosmopolita e transita bem entre vários lugares. Sua prima Bonny, entretanto, não partilha de sua opinião – sendo mais arraigada à sua origem e raízes, o não-pertencimento, para ela, é uma maldição:

'Strange thing', I said. 'All of us or our parents were born down *there*, and we live somewhere else. We can travel all over and *feel at ease in a lot of places* – or maybe we can feel uneasy in a lot of different places (...) Sometimes I *feel privileged* compared to most people (...).'

'That's *miserable*', Bonny said sullenly. '*That's the two of you*²⁰³. *That's a punishment*, man. *The Flying Dutchman*. Wandering the earth for eternity. You crazy?' (PD, p.92-93, meus grifos).

Para Wells (1999, p.219), a evocação da figura mitológica do Holandês Voador²⁰⁴ neste diálogo “esboça o dilema do indivíduo diaspórico, que, por um lado, [...] personifica a

²⁰⁰ Segundo Hall (2011, p.53), “(o discurso d)a inglesidade (*englishness*) representa o que a Inglaterra é, dá sentido à identidade de ‘ser inglês’ e fixa a Inglaterra como um foco de identificação nos corações ingleses (e anglófilos).”

²⁰¹ No *Atlântico Negro*, Gilroy (2012, p.42-43) discute o que ele chama de ‘a peculiaridade do negro inglês’. Segundo ele, “a questão da identidade e não identidade das culturas negras tem adquirido um significado histórico e político especial no Reino Unido” (*ibid*, p.172).

²⁰² Talvez um espectro da colonização, pois, apesar de ser uma potência e exercer o neo-colonialismo atualmente sobre outras nações, os Estados Unidos um dia foram uma colônia inglesa.

²⁰³ Uma referência clara ao conceito de consciência dupla, de Du Bois (1903), já mencionado, porém não desenvolvido neste trabalho.

liberdade de uma existência sem raízes, mas, por outro, luta com os caprichos do não-pertencimento [...]” (trad. livre).

Mas Sam também é consciente da ilusão que a diáspora muitas vezes gera em seu povo. Ele entende que muitos cruzam os oceanos em busca de sobrevivência, mas suas rotas nem sempre os levam aos melhores destinos (como no caso de Claude, por exemplo). Como o próprio Phillips comenta, “à nossa volta há condições, para nossas famílias e amigos, que espremeram e trancaram os caminhos para a sobrevivência econômica, com exceção da criminalidade.” (WELLS, 1999, p.213 *apud* HORSLEY, 2005, p.228, trad. livre). Mas, para mostrar que há rotas alternativas, Phillips cria um detetive que não segue o fluxo, e é consciente disto (PD, p. 60).

A história não pode ser mudada. É irrefutável o fato de que a cor da pele e/ou certos traços hereditários podem ter “(...) profundas consequências sociais, políticas e econômicas” na formação de uma identidade e história de vida de uma pessoa (LENTRICCHIA, 1987, p. 285 *apud* PEPPER, 1999, p.241). Conquanto use sua escrita para denunciar a hegemonia branca que historicamente lesou seu povo, Phillips não lança mão de estereótipos. Em seu romance, o negro não é o herói imaculado lutando contra o branco perverso. Em última análise, Phillips sugere que a cor não é um fator determinante para a formação da boa ou má índole de um ser humano, nem de seu sucesso ou fracasso; mas sim, suas escolhas e o conseqüente caminho trilhado.

Conclusão

Nas considerações finais de *Confluences*, Gruesser propõe um questionamento sobre qual seria, exatamente, a relação entre a teoria póscolonial e a escravidão transatlântica (e a diáspora negra que ela gerou). Em *Point of Darkness*, Mike Phillips aponta, clara e elegantemente, para as confluências vislumbradas por Gruesser. Ele se apropria do poder da escrita e faz de seu texto uma ‘reivindicação de negritude’ (WELLS, 1999, p.221 *apud*

²⁰⁴ O Holandês Voador é um lendário navio fantasma (*fluyt*) condenado a navegar até o final dos tempos sem atracar. Sua aparição era o presságio de uma tragédia iminente para aqueles que o viam. Disponível em: <<http://portal-dos-mitos.blogspot.com.br/2013/06/o-holandes-voador.html>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

HORSLEY, 2005, p.228). Como outros, ele escreve das margens, mas deixa de lado dicotomias estanques e estereótipos desgastados, e expõe as infinitas complexidades que envolvem a construção social negra na sociedade contemporânea. A viagem-aventura de Sam Dean é um convite à reflexão sobre a experiência de um povo cujas raízes foram arrancadas e substituídas por rotas. Sua interação com os seus e com os de fora é permeada por discussões acerca de identidade, (não)-pertencimento, cultura, preconceito - questões propostas pelo póscolonialismo. O Atlântico Negro é o pano de fundo deste cenário, pois suas rotas traçaram novas rotas para os filhos da diáspora. E eles sobreviveram.

Cabe agora, uma última consideração. Em um mundo multirracial e multicultural como o nosso, exposto em *Point of Darkness*, seria ilógico perguntar quem, afinal são os filhos da diáspora? Não seríamos todos nós?

REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen Eds. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. Psychology Press, 2002.
- BARBOSA, Muryatan Santana. Homi Bhaba leitor de Frantz Fanon: Acerca da Prerrogativa Pós-colonial. In: *Revista Crítica Histórica*. Ano III, N° 5, Julho/2012, p. 217-231.
- BRAND, Dionne. *A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging*. Toronto: Vintage Canada, 2001. Kindle Edition.
- DU BOIS, W.E.B. *The Souls of Black Folk*. An Electronic Classics Series Publication. 2006-2014. First published by A.C. McClurg & Co. Chicago, 1903.
- GHANDI, Leela. *Postcolonial Theory*. New York: Columbia UP, 1998.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Editora 34. São Paulo, 2012.
- GOSSELIN, Adrienne Johnson Ed. *Multicultural Detective Fiction. Murder from the "Other" Side*. Library of Congress Cataloguing-in-Publication Data, 1999.
- GRUESSER, John Cullen. *Confluences: Postcolonialism, African American Literary Studies, and The Black Atlantic*. The University of Georgia Press, 2007.



HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Editora DP&A. Rio de Janeiro, 2011.

HORSLEY, Lee. *Twentieth-Century Crime Fiction*. Oxford University Press, 2005.

LYE, John. "Some issues in Postcolonial Theory". Copyright 1997, 1998.

Disponível em: <<http://www.slideshare.net/gemcosta/postcolonialtheory>>. Acesso em 20 jul. 2015

MATTOS, Hebe Maria. *Paul Gilroy, O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Resenha. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*. ano 24, n. 2/2002, p. 409-413.

PAIVA, Eduardo França. "Por Uma História Cultural da Escravidão, da Presença Africana e das Mestiçagens". In: *Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 6, Ano VI, N ° 3. Jul/Ago/Set, 2009, p. 1-24.

PEPPER, Andrew. *Bridges and Boundaries: Race, Ethnicity, And The Contemporary American Crime Novel*. In. KLEIN, Gregory Kathleen, Ed.: *Diversity and Detective Fiction*. Bowling Green State University Popular Press, 1999.

PHILLIPS, Mike. *Point of Darkness*. Penguin Books. 1994.

PINHEIRO, Erika do Nascimento. *História da África 1*. EAD/Universo. 1. ed. Niterói, Rio de Janeiro, 2011.

RUKUNDWA, Lazare S. and VAN AARDE, Andries. "The formation of postcolonial theory". In: *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*. Vol 63, N °3. 2007, p. 1171-1194.

Disponível em: <<http://www.hts.org.za/index.php/HTS/article/view/237>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. Vintage Books. New York, 1993.

SANTOS, Eufrázia Maria Cristina Menezes. "Resenha: Paul Gilroy, O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.". *Revista de Antropologia*, v. 45, n. 1. São Paulo, USP, 2002, p. 273-278.

WELLS, Claire. *Writing Black: Crime Fiction's Other*. In. KLEIN, Gregory Kathleen, Ed.: *Diversity and Detective Fiction*. Bowling Green State University Popular Press, 1999.